

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA INTERNACIONAL
1992

Beaux Arts Trio

07 de Abril (Série Branca) e 08 de Abril (Série Azul)

Alexis Weissenberg

13 de Maio (Série Branca) e 14 de Maio (Série Azul)

Hallé Orchestra

22 de Junho (Série Branca) e 23 Junho (Série Azul)

Orquestra Filarmonica de Nova York

27 de Julho (Série Branca) e 28 de Julho (Série Azul)

Antonio Meneses e Cecile Licad

03 de Agosto (Série Branca) e 05 de Agosto (Série Azul)

Orquestra de Camera de Viena

24 de Agosto (Série Branca) e 25 de Agosto (Série Azul)

Tokyo String Quartet

01 de Setembro (Série Branca) e 02 de Setembro (Série Azul)

Orquestra Sinfônica de Boston

19 de Outubro (Série Branca) e 20 de Outubro (Série Azul)

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA



APRESENTAM

TEMPORADA INTERNACIONAL
1992



HALLE ORCHESTRA DE MANCHESTER

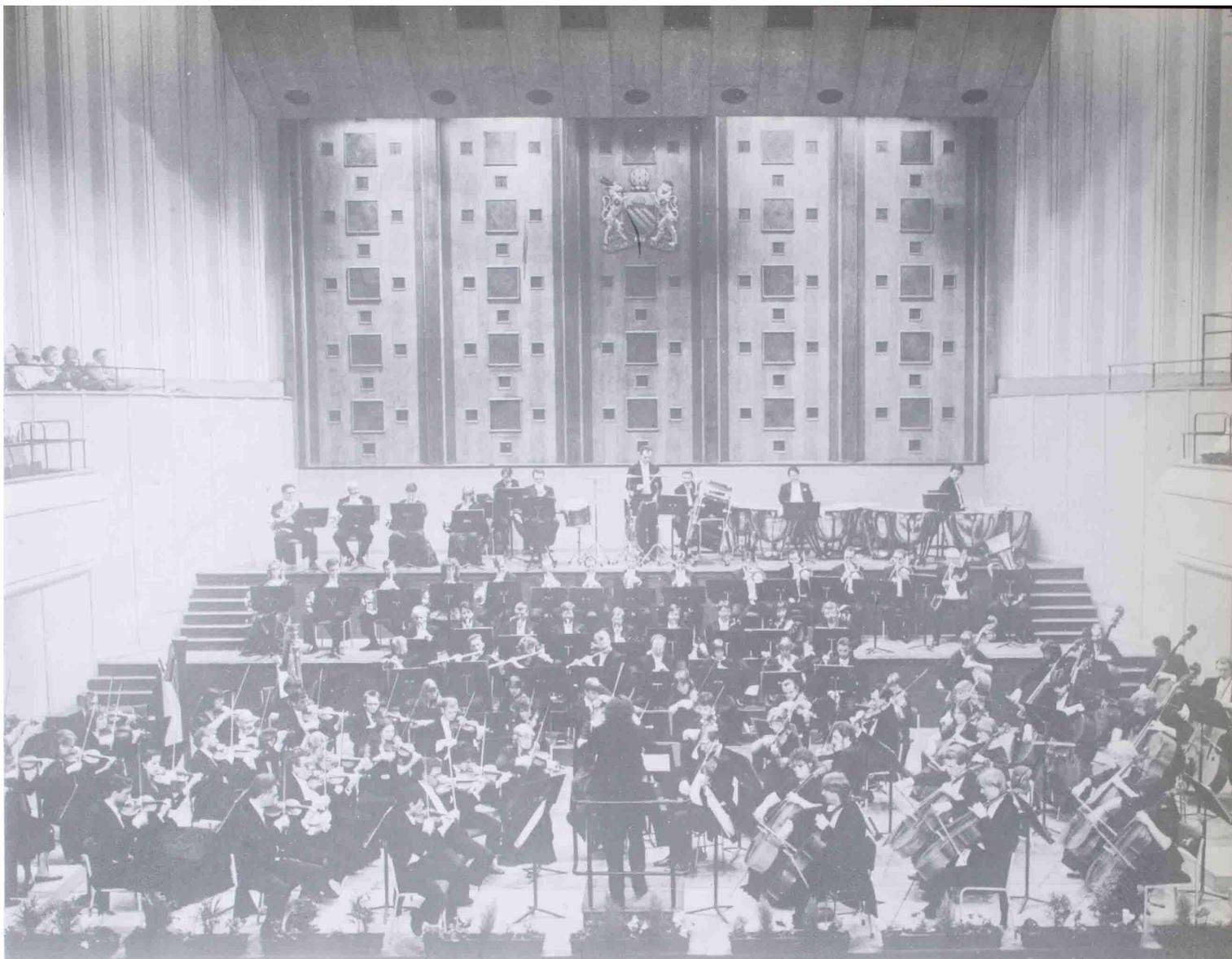
Regente: Stanislaw Skrowaczewsky

Promoção



Patrocínio:





HALLE ORQUESTRA

A Orquestra Halle é a mais antiga orquestra sinfônica profissional da Grã Bretanha. Foi fundada em 1858 em Manchester pelo pianista e regente alemão Charles Halle. Refugiado da revolução de 1848, Halle aceitou o cargo de regente dos Concertos Gentlemen em Manchester, e em 1857 foi convidado a formar uma orquestra profissional para tocar numa exposição de arte. Em vez de desfazer a orquestra no fim da exposição, Halle decidiu organizar sua própria série de concertos; o primeiro concerto Halle realizou-se na Sala Free Trade em Manchester, dia 30 de janeiro de 1858.

No decorrer de sua história, até 1991, somente sete Regentes Permanentes estiveram à frente da orquestra: Sir Charles Halle, Dr. Hans Richter, Michael Balling, Sir Hamilton Harty, Sir John Barbirolli, James Loughran e Stanislaw Skrowaczewski. Em setembro de 1991, foi anunciada a nomeação de Kent Nagano como Diretor Musical e Regente Principal.

A Orquestra Halle é hoje um dos mais proeminentes conjuntos de música da Inglaterra. Metade de suas apresentações dão-se em Manchester, enquanto um extenso programa de tournée permite à orquestra apresentar-se em todo o Reino Unido. Sua reputação internacional também a levou em inúmeras tournée nos Estados Unidos, América do Sul, Austrália, Hong Kong, bem como por toda Europa. Em 1989, a Orquestra apresentou o Requiem de Guerra de Benjamin Britten na abertura da temporada do Musikverein, e em 1990 efetuou uma extensa tournée na Alemanha, Áustria e Suíça. No presente ano, além da tournée na América do Sul, a Orquestra retorna ao Musikverein para duas apresentações do "Sonho de Gerontius" de Elgar. Regularmente a Halle apresenta-se para a BBC (Rádio e Televisão). Suas gravações incluem, em CD, as sinfonias de Brahms, e as 5ª e 10ª sinfonias de Shostakovich, todas sob a regência de Stanislaw Skrowaczewski. A maior parte das históricas gravações da época de Sir John Barbirolli foram recentemente relançadas em CD.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2ª feira, 22 de junho às 21 horas

EDWARD ELGAR
(1857-1934)

Introdução e Allegro para cordas, Op. 47

IGOR STRAVINSKY
(1882-1971)

O Pássaro de Fogo (suite 1919)

1. Introdução: O Pássaro de Fogo e sua dança
2. Ronda das Princesas
3. Dança infernal de Kastchei
4. Berceuse
5. Finale

JOHANNES BRAHMS
(1833-1897)

INTERVALO

Sinfonia nº 1, em Dó menor, Op. 68

1. Poco sostenuto. Allegro
2. Andante sostenuto
3. Un poco allegretto e grazioso
4. Adagio, Più andante. Allegro non troppo
ma con brio. Più Allegro

3ª feira, 23 de junho às 21 horas

NICHOLAS MAW
(1935)

Spring Music

PIOTR ILYICH TCHAIKOVSKY
(1840-1893)

**Variações sobre um tema rococo para
violoncelo e orquestra, Op. 33**

Solista: STEVEN ISSERLIS

DMITRI SHOSTAKOVICH
(1906-1975)

INTERVALO

Sinfonia n. 10, em Mi menor, Op. 93

1. Moderato
2. Allegro
3. Allegretto
4. Andante — Allegro

Próximas apresentações: Orquestra Filarmônica de New York
Regente: Kurt Masur
27 e 28 de Julho

EDWARD ELGAR (1857-1934)

Introdução e Allegro para Cordas, op. 47

"Gosto de pensar na vocação do compositor como semelhante à dos velhos trovadores e bardos. Naquela época, não era uma desgraça se fazer música para inspirar um povo". O comentário de Sir Edward Elgar soa um tanto irônico hoje, em vista da recepção de suas obras. Elgar é o grande mestre edwardiano, o compositor oficial do império "onde o sol nunca se põe". A marcha **Pompa e Circunstância** é, sem dúvida, a mais conhecida obra deste período. Mas as circunstâncias passaram, a pompa se foi, e curiosamente o que se escuta hoje nas obras de Elgar é menos a "inspiração de um povo" do que uma voz profundamente pessoal, e que se revela, a seu modo, mais como uma crítica do que um elogio do império, já às vésperas de uma guerra mundial.

A **Introdução e Allegro** para cordas, op. 47, foi composta entre 1900 e 1905, período em que surgem igualmente os grandes oratórios, **The Dream of Gerontius**, **The Apostles** e **The Spirit of Engand**. O contraste entre o quarteto e a orquestra de cordas faz pensar na forma barroca do concerto grosso, ilusão arcaica contrabalançada pelo "realismo" moderno dos cantos populares galeses (tema da viola, na seção lírica do Allegro). Um dos pontos altos da produção de Elgar, é uma peça que dá bem a medida do acento britânico, tão forte na poesia, e até hoje tão mal conhecido na música.

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

O Pássaro de Fogo

Suíte Orquestral n. 2

Escrita em 1910, a pedido do empresário Diaghilev, **O Pássaro de Fogo** é a primeira das três grandes colaborações entre Stravinsky e os Balés Russos de Paris. Menos enxuta que **Petruchka**, menos moderna que **A Sagração da Primavera**, a partitura revela, a seu modo, aquele mesmo instinto de originalidade que tanto marca essa primeira fase do compositor:

uma originalidade fundada, paradoxalmente, sobre a apropriação e transformação de outros estilos. Por muitos anos, desde os importantes trabalhos do filósofo e musicólogo Theodor Adorno, Stravinsky foi visto como o pólo oposto, "restaurador", do "progressista" Schoenberg. Mas a distinção, hoje, já não é tão fácil, quando a paródia, a ironia e a simplificação do passado — as linhas mestras de Stravinsky — ressurgem como verdadeiras bandeiras da arte contemporânea. Entre as vanguardas, Stravinsky já sofreu certo descaso, por algum tempo, como uma figura do passado. Hoje, está tão vivo quanto os maiores mestres e, como eles, ainda um pouco à nossa frente.

A estória de **O Pássaro de Fogo** se baseia num conto folclórico russo, adaptado por Michel Fokine. Um príncipe, certo dia, vê um pássaro maravilhoso, todo de ouro e fogo. Corre atrás dele, mas só consegue arrancar uma de suas penas. A perseguição o leva aos domínios do ogro Katschei, que é imortal enquanto sua alma for preservada num estojo em forma de ovo. Toda donzela que chega a Katschei torna-se sua prisioneira; todo homem, é transformado em pedra. As filhas de Katschei e outras prisioneiras tentam salvar o príncipe. A pena do pássaro de fogo é lançada ao ar; o pássaro surge, quebra o estojo e desfaz os sortilégios. O príncipe casa com uma das filhas de Katschei e liberta todos os cavaleiros de pedra, que se apoderam das preciosas maçãs de ouro do jardim.

A partitura original do balé contava com dezenove cenas. Mais tarde, em 1919, Stravinsky retrabalhou a obra como uma Suíte em cinco movimentos, que é como ela é mais conhecida. Se na primeira versão eram aparentes as influências de Rimski-Korsakov e Balakirev, por um lado, e Debussy e Scriabin, por outro, agora na Suíte o que se salienta é a característica energia e força de imaginação do próprio Stravinsky, associadas ao mais virtuosístico controle da escrita orquestral. Segundo o compositor, a Suíte era "uma crítica" da obra original, por meio dela mesma. Nesse sentido, ela marca um novo estágio no pensamento de Stravinsky, capaz agora de exercer a reinvenção e a paródia até sobre suas criações. "Ninguém escapa de conhecer sua própria cultura", dizia o pintor Paul Klee. Para Stravinsky, isto não é um castigo, mas a condição fundamental da criação. Ao compor a Suíte de **O Pássaro de Fogo**, ele volta seus olhos sobre si mesmo e repensa sua música como ponto de partida para uma nova música: a nova música, por excelência, a grande tradição do modernismo.

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Sinfonia n. 1, em dó menor, op. 68

As primeiras referências à composição da **Sinfonia n. 1** datam de meados da década de 1850, quando o jovem Brahms iniciou seus estudos com Schumann. Mas foi apenas em 1876, quando o compositor já contava 43 anos e já acumulava uma impressionante lista de obras (entre as quais várias peças "sinfônicas", como as Serenatas, as Variações sobre um tema de Haydn, ou o Concerto n. 1 para Piano e Orquestra) que a Sinfonia em dó menor veio à luz, num concerto sob a regência de Felix Dessof, em Karlsruhe. Desde então, tem portado sempre o elogio ambíguo do grande maestro Hans von Bülow, para quem a Primeira de Brahms era "a Décima Sinfonia de Beethoven".

O dito de von Bülow aponta, a seu modo, para a natureza fundamental dos débitos de Brahms. Há mesmo muito de Beethoven na **Sinfonia** em particular no último movimento, que se encerra com uma espécie de recriação instrumental da Ode à Alegria, na **Nona** de Beethoven. Mas só afirmar isto não nos leva muito longe: não há, na verdade, nenhum sinfonista romântico que não tenha saído de Beethoven. O que é mais importante não é identificar essa filiação, mas reconhecer a capacidade do novo compositor para se inventar a si mesmo, quase a despeito do precursor.

Desta perspectiva, fica mais fácil perceber o quanto Brahms têm em comum com um Wagner ou Liszt, compositores muito diversos. Para todos eles, o "problema" da música, depois de Beethoven, é como gerar uma peça de grande porte a partir de elementos mínimos — um tema, um intervalo, umas poucas notas — e isto quando a organização regular e as cadências tradicionais já se desintegraram. Brahms é, de todos, talvez o mais rigoroso no desenvolvimento de uma grande massa sonora a partir do pequeno motivo. Isto é tão verdadeiro na **Sinfonia n. 1** quanto em sua música de câmara, ou nas canções. Mas o que o distingue, de fato, é a capacidade de reunir à grande estrutura e à forma clássica uma dimensão lírica, mais próxima de Schubert do que de Beethoven. (Veja-se, em especial, o terceiro movimento dessa **Sinfonia**). Beethoven escreve para uma platéia que é a humanidade inteira; a platéia de Brahms é uma "multidão de solitários", como diz o musicólogo David Riesman. Só com a identidade conquistada de muitas décadas poderia um compositor retornar às formas de Beethoven e reimaginar a Sinfonia como um gênero de uma só vez monumental e intimista. A "Décima de Beethoven" não é mais mesmo de Beethoven e sinaliza a maturidade plena de outro grande compositor.

NICHOLAS MAW (1935)

Spring Music

Nicholas Maw é um dos mais aclamados compositores ingleses da atualidade. Aluno de Lennox Berkeley, em Londres, e da legendária Nadia Boulanger, em Paris, Maw teve sua primeira grande peça, **Scenes and Arias**, executada na série de concertos "Promenade", em 1962. Desde então, vem compondo ininterruptamente grande número de obras, muitas delas de grandes dimensões, como a recente **Odyssey** Além da composição, Nicholas Maw se dedica também ao ensino; ele é professor na Universidade de Yale e compositor "in residence" no King's Lynn Festival.

Spring Music é um exemplo raro de obra sua composta por encomenda — no caso, da Royal Philharmonic Orchestra, para estréia no Festival de Norwich, em 1982. Dois anos mais tarde, Maw abreviou e revisou a partitura, que foi então interpretada, em sua versão definitiva, pela BBC Philharmonic Orchestra. A peça parte de uma fanfarra inicial para exprimentar uma seqüência variada de muitas texturas, mas que se resolve ciclicamente num retorno ao início. Como epígrafe, o compositor escolheu uma linha do conhecido poema de Dylan Thomas: "The force that through the green fuse drives the flower..." (em tradução livre, "a força que move a flor pelo fuso do verde").

PIOTR ILYITCH TCHAIKOVSKY (1840-1893)
**Variações sobre um Tema Rococó para
Violoncelo e Orquestra, op. 33**

Poucos compositores se adaptam tão bem à descrição usual do Romantismo quanto Tchaikovsky. É uma imagem muito desgastada, mas ainda em vigor, da arte como "livre expressão do sentimento" e "essência interior". Tchaikovsky, com sua música fortemente emotiva e sua vida conturbada, enquadra-se naturalmente nesta caricatura. Mas se o Romantismo, sem dúvida, privilegia a expressão sobre a forma, não é menos verdade que é este o *problema* real do período, para o qual surgem, então, as mais variadas soluções. O Romantismo não é apenas a época do jovem Werther e do Dr. Fausto: é também a era de seu criador, Goethe, e de compositores como Tchaikovsky, sempre conscientes da dificuldade de conciliar forma e expressão.

As **Variações sobre um Tema Rococó** foram escritas em 1876, um ano após o balé **O Lago dos Cisnes** e um ano antes da **Sinfonia n. 4**. É uma obra-limite, ainda anterior ao período final, extremamente produtivo, mas de grande desgaste afetivo para o compositor. Tchaikovsky diria, em seus últimos anos, que a música "não é uma forma de ilusão, e sim de revelação". Mas as **Variações** ainda conseguem encenar um equilíbrio mais clássico entre a confissão e o drama, entre a verdade da forma e as formas da verdade. Mesmo o exibicionismo instrumental é parte coerente, aqui, da composição. O virtuosismo do solista-herói se funda no ornamento, na melodia e na forma livre para a construção da música. Historicamente, isto só se tornou possível com o desenvolvimento da música instrumental no século dezoito, no período "galante", ou "rococó". Ao compor suas **Variações** justamente sobre um tema rococó, Tchaikovsky nos revela as possibilidades de um equilíbrio entre passado e presente: uma ilusão, talvez, mas que se revela como verdade na música de alguns grandes compositores românticos.

DMITRI SHOSTAKOVICH (1906-1975)
Sinfonia n. 10, em mi menor, op. 93

Entre os grandes compositores de nosso século, Shostakovich tem uma posição peculiar. Extremamente prolífico, autor de 15 sinfonias, 15 quartetos, 6 concertos, 2 óperas, 11 partituras para teatro e 36 trilhas para cinema, além de outras peças menores, Shostakovich não é nem conservador, nem da vanguarda, mas sofreu toda vida acusações e perseguições de um e de outro campo. Sua carreira na antiga União Soviética viu-se mais de uma vez ameaçada por denúncias de "formalismo burguês"; alternativamente, obras consagradas em seu país já foram desprezadas por muitos críticos como vulgar propaganda partidária. Com alguns anos mais de distância, e as circunstâncias políticas tão diferentes, vida e obra de Shostakovich parecem hoje um pouco menos simples de categorizar. Como sinfonista, ele é o grande continuador das lições de Mahler, repensado num contexto que abarca também a tradição russa de Tchaikovsky, Borodin e, muito particularmente, Mussorgsky. E a força de Shostakovich se ressalta, hoje, quando se escuta ecos de sua música nas obras de outros compositores mais jovens, como Sviridov e Tistchenko, ou mesmo, fora da Rússia, na produção aparentemente muito diversa de um compositor contemporâneo inglês, como Michael Finissy.

A **Sinfonia n. 10** teve sua estréia em Lenigrado (São Petersburgo), em 1953. Há uma distância de oito anos entre a **Nona** e a **Décima** e o caráter das duas é, de fato, bem diferente. A **Nona** era uma obra leve e mais camerística; supostamente teria provocado a ira de Stalin, que contava escutar uma apoteose. Essa apoteose aparece, por assim dizer, com o pólo trocado no segundo movimento da **Décima** escrita poucos meses após a morte do "pai dos povos". Toda a tensão e os matizes escuros da sinfonia são, com certeza, um testemunho bastante pessoal do compositor. Não é à toa que um dos temas do Allegretto — ré, mi bemol, dó, si — se traduz nas letras DSCH, ou "D. Shostakovich" (na grafia antiga). Este motivo retorna como um *cantus firmus* no trompete, no último movimento, num breve episódio mais sombrio em meio à grande dança, a apoteose popular com que a **Sinfonia** se encerra.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

HALLE ORCHESTRA DE MANCHESTER

Diretor Musical e Regente Titular
KENT NAGANO

Leader
PAN HON LEE

PRIMEIROS VIOLINOS

Pan Hon Lee (leader)
James Murray (leader assistente)
Peter Cunningham
Peter Stacey
Alison Hunt
Sally Davies
James Cropper
Annemaurai de Hamilton
Frances Hannah
Frederick August
Colette Quinn
Anne Wilson
Helen Simpkins

SEGUNDOS VIOLINOS

Dara de Cogan
Sarah Crouch
Kathy Morgans
Caroline Abbott
Peter Worrell
Dennis Cripps
Robert Taylor
Michael Hall
Helen Stokes
Christine Jones
Grania Royce
Anthony Gibbs
Eleanor Alcock
Morris Stemp
Anna Szabo
Diana Stovell

VIOLAS

Tomothy Pooley
John Adams
Ruth Treloar
David Salgo
Angela Roy
Andrea Gilliatt
Robert Criswell
Julian Mottram

Sue Flower
Piero Gasparini
Susan Gowland

VIOLONCELOS

Peter C. Worrall
Sharon Costello
Daniel Paul
Rayford Kitchen
Frances Wood
Laurence Wood
Anne Christine Smith
Christopher Wood
Rebecca Edwardas
David Petri

CONTRABAIXOS

Diana Wanklyn
Anthony Alcock
Alan Shimell
Paul McKay
Eric Whittaker
Franck Flowers
Yi Xin Han
Beatrice Schirmer

FLAUTAS

Roger Rostron
Hilary Pooley
Jonathan Booty

PICCOLO

Ronald Marlowe

OBOES

Hugh McKenna
Virginia Shaw

CORNE INGLÊS

Thomas Davey

CLARINETAS

James Gregson
Max Benn
Alan Haydock

CLARONE

James Muirhead

FAGOTES

Graham Salvage
Richard Wigley
Helen Peter

CONTRAFAGOTE

Neil Cumming

TROMPAS

David Cripps
Russell Hayward
Lindsey Robinson
Julian Plummer

TROMPETES

John MacMurray
Kenneth Brown
Brian Tuffery

TROMBONES

Andrew Berryman
Stuart Kempster
Neville Roberts

TUBA

Andrew Duncam

TÍMPANO

John Moate
Richard Smith

PERCUSSÃO

David Hext
Ric Parmigiani
Jonathan Herbert

PIANO-CELESTA

Janet Simpson

HARPA

Jean Beil

ÓRGÃO

Ronald Frost

DIRETOR EXECUTIVO: David Richardson
SUB DIRETOR EXECUTIVO: Stuart Robinson
DIRETOR DA ORQUESTRA: Gerald Temple
DIRETOR DO DEPTO. EDUCATIVO: Mark Withers
AUXILIARES: Leslie Markham, Mark McAlister, Everest Parry
ARQUIVISTA: Patrick Williams
SUPERVISOR DA ORQ.: Stephen Voysey

THE BEST OF BRITISH

On 17 March the British Council moved the headquarters of its UK operations from London to Manchester. We are therefore particularly delighted to be able to mark our new presence in Manchester with support for one of the city's premier institutions, and together to play our part in Manchester's resurgence as a truly international city.

For the Council to present overseas a balanced yet positive picture of Britain, the importance of the arts cannot be too strongly emphasised. The vitality, creativity and excellence of Britain's musicians, writers, artists, performers and film-makers, of our orchestras and theatre and dance companies, are central to our work. We have seen time and again the enormous impact they make on overseas audiences, from schoolchildren in African villages to first-night galas at European opera houses.

Until the 1930s, Britain was almost alone among leading European nations in not promoting the spread of its language, literature, arts and science. But pressure from business firms, which saw clearly the need for Britain to market all its assets in the face of growing international competition, led to the creation of the British Council in 1934. We have been in Chile since 1940 and in Brazil since 1941 — one of the Council's first Directors in Brazil was Francis Toyne, the distinguished music critic and biographer of Verdi. We were well-established in Argentina from 1942 to 1982, and last year re-opened our office in Buenos Aires — the Hallé will be performing there at the Teatro Colon, the most important opera house in Latin America. That they are able to do so — for it is a daunting task to take a full orchestra on tour many thousands of miles from its home base — is to the credit of the Hallé's musicians and management and to the tour's sponsors. The commitment of the private sector to the marketing of the best of British is as strong now as it was half a century ago.

The Hallé Orchestra has a worldwide reputation for excellence rivalled by few others. We wish it a safe journey, and we know that its audiences will be richer for the experience.

Robert T. Taylor
Assistant Director-General

3 Abril 1992

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

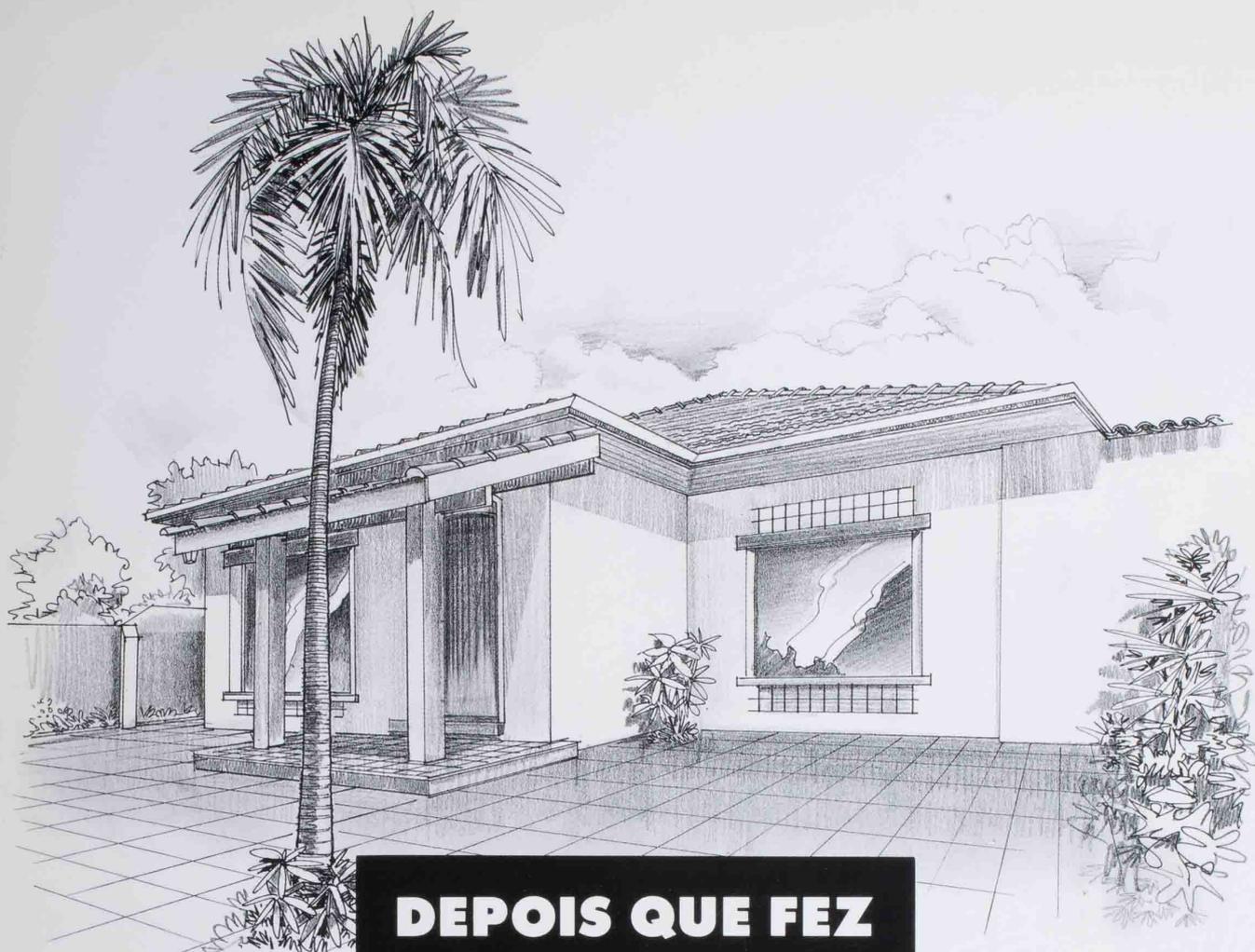
Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

Air France
Alcatel
Associação Alumni
Association Française d'Action Artistique
Banco Cidade
Banco de Boston
Banco Itaú S/A
CCE — Audio/Vídeo/ Informática
Duratex S/A
English Lavender de Atkinsons
Fundação Japão
Gail S/A
Golden Cross
Heublein do Brasil
Instituto Goethe
Rádio Eldorado
Rhodia
S.A. Indústrias Votarantim
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em vincular o nome de sua empresa em toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.0223
Bilheteria 258.3616
Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**



**DEPOIS QUE FEZ
20 ANOS
A GAIL FICOU
EXIBIDA.**

A Gail, uma das mais importantes empresas de revestimentos cerâmicos do mundo, está começando a comemorar os seus 20 anos de Brasil. E não vê a hora de ficar mais conhecida do que já é. Também não é para menos. Ela é super orgulhosa das suas qualidades. Por isso ela está inaugurando um novo showroom na Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1011, São Paulo. Sabe como é: quem se preza só gosta de aparecer nos jardins.

Apareça você também.

Gail[®]

Arquitetura em cerâmica

Gail Guarulhos S.A. Indústria e Comércio - Rua Cavadas, 899 - CEP 07040
Tel.: (011) 208-6011 - Fax: (011) 208-3700